



**LIMITES DA SUBJETIVIDADE ADMINISTRADA: RELAÇÕES ENTRE O
PRECONCEITO E O NARCISISMO**

*LIMITS OF MANAGED SUBJECTIVITY: RELATIONSHIPS BETWEEN PREJUDICE
AND NARCISISM*

Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues

Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5650-270X>

E-mail: pedrooctavio.g.r@gmail.com

Kety Valéria Simões Franciscatti

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3718-9842>

E-mail: kety.franciscatti@gmail.com

Submetido: 18 abr. 2023.

Aprovado: 10 maio 2023.

Publicado: 26 maio 2023.

E-mail para correspondência

pedrooctavio.g.r@gmail.com

Resumo: Este artigo, de natureza teórica, investiga os elementos objetivos e subjetivos presentes na constituição e expressão do preconceito, e sua relação com o narcisismo. De acordo com Horkheimer e Adorno, o preconceito é tanto um fenômeno social quanto psicológico: fundado nos obstáculos objetivos à formação do indivíduo, manifesta-se como marcas subjetivas do que não se formou, sedimentos que atuam como necessidades irracionais dos indivíduos pseudoformados. A relação do indivíduo predisposto ao preconceito com o objeto é mediada pela dimensão pulsional reprimida por uma estrutura social injusta e pelos mecanismos de defesa do ego. Conforme as análises empreendidas, quanto mais a cultura intensifica o medo e o desamparo, maior é a ameaça sentida pelo indivíduo, nesse processo, mais libido é retirada dos objetos, mais intenso os mecanismos de defesa, e maior o seu narcisismo. Com o narcisismo acentuado, o indivíduo tem dificuldade de entrar em contato com o que julga ser diferente, projetando no objeto aquilo que ele não consegue elaborar sobre si mesmo. Esse processo torna-se mais intenso nas sociedades industriais, uma vez ela produz uma regressão acentuada na consciência do indivíduo, fortalecendo a adaptação a valores sociais totalitários e a identificação deste com a psicologia de massas própria do fascismo. Tal dinâmica vêm obstando cada vez mais a possibilidade do indivíduo refletir sobre a violência que ele reforça e perpetua. Conclui-se que o narcisismo desempenha papel fundamental em todos estes processos: por participar de todos os mecanismos de defesa e interferir na relação sujeito/objeto (na apreensão/reflexão da realidade pelo indivíduo), obsta o contato do indivíduo consigo mesmo e com o outro, impossibilitando, assim, a alteridade.



Palavras-chave: Teoria Crítica da Sociedade. Psicologia Social Crítica. Formação do Indivíduo. Violência. Ideologia.

Abstract: This article, from a theoretical perspective, investigates the objective and subjective elements in the constitution and expression of prejudice, and its relation with narcissism. According to Horkheimer and Adorno, prejudice is both a social and a psychological phenomenon: based on objective obstacles to the formation of the individual, it is manifested as subjective marks of what has not been formed, sediments that act as irrational needs of pseudo-formed individuals. The relationship of the individual predisposed to prejudice with the object is mediated by the drive dimension repressed by an unjust social structure, and by the ego's defense mechanisms. According to the analyses taken in this study, the more culture adds to fear and helplessness, the greater the threat felt by the individual, in this process, the more libido is taken from objects, the more intense the defense mechanisms, and the greater their narcissism. With an enhanced narcissism, the individual has difficulty getting in touch with what they consider to be different, projecting onto the object what they cannot elaborate about themselves. This process becomes more intense in industrial societies, since it produces a sharp regression in the individual's consciousness, strengthening the adaptation to totalitarian social values and their identification with the mass psychology presented in fascism. Such dynamics are increasingly hindering the individual's ability to think on the violence that he reinforces and perpetuates. It is concluded that narcissism plays a fundamental role in all these processes: by participating in all the defense mechanisms and interfering in the subject/object relationship (in the apprehension/reflection of reality by the individual), it impedes the individual's contact with himself and with the other, thus making alterity impossible.

Keywords: Critical Theory of Society. Critical Social Psychology. Cultural Formation. Violence. Ideology.

Introdução

O preconceito foi alvo das preocupações de Horkheimer e Adorno ⁽¹⁾ em função do problema do ódio à raça, mais particularmente, o antissemitismo. O objetivo das pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisas Sociais nos Estados Unidos foi o de precisar, de modo objetivo e idôneo, por meio de estudos empíricos e teóricos, quais as moções pulsionais estabelecidas frente à dinâmica da organização social e, por conseguinte, as reações humanas mobilizadas no momento histórico da acessão do fascismo e de sua propaganda.

Os resultados apontam que certas forças psicológicas têm papel fundamental na receptividade do indivíduo à propaganda nazifascista e de outras ideologias. Dentre essas forças, ressaltam-se alguns processos psicológicos inconscientes, suscitados e administrados por uma política totalitária de cunho irracional cujos interesses encontraram sustentação nos fenômenos de massas da época. Por sua vez, essas características são produto das



condições materiais objetivas que se manifestam na organização social, como, por exemplo, o atual estágio das forças produtivas e a sua relação com a configuração da família. Para os autores, os movimentos sociais de cunho totalitário não prescindem dos indivíduos, mas cunham nestes os caracteres necessários para a sua reprodução. Nesses termos, a investigação sobre o preconceito tem como um de seus fundamentos o estudo sobre a participação da psicologia do indivíduo em tais processos dinâmicos que envolvem o indivíduo e a sociedade.

Assim, fundamentado nos modelos da Teoria Crítica da Sociedade, este trabalho, como parte de uma Psicologia Social Crítica, busca compreender os elementos sociais e psicológicos presentes na constituição e expressão do preconceito, e sua relação com o narcisismo. No texto *Acerca da relación entre psicología y sociología*, Adorno ⁽²⁾ chama a atenção para essas duas disciplinas, em especial a psicanálise, propondo não uma interdisciplinaridade, mas uma psicologia social analiticamente orientada, que dê conta dos fenômenos da irracionalidade objetiva que se manifestam no indivíduo regredido. Para Adorno ⁽²⁾¹, a psicanálise investigou “seriamente as condições subjetivas da irracionalidade objetiva” (p. 36), posto que para o autor, neste movimento, Freud mergulha na particularidade do indivíduo, e revela assim a configuração social no interior dos homens. Desse modo, por meio da tensão entre particularidade e totalidade, a psicologia pode desvelar a dinâmica irracional da vida psíquica dos indivíduos que vêm impedindo uma relação pacificada entre os homens, entre os homens e a cultura, e destes com a natureza, sendo o preconceito um fenômeno impeditivo importante e objeto deste trabalho.

Como categoria que desvela as relações libidinais entre sujeito e objeto (Freud (3)), o narcisismo é fundamental para compreender a constituição do indivíduo, mediado socialmente. O narcisismo também influencia no modo como o indivíduo predisposto ao preconceito se relaciona com o objeto alvo de sua discriminação. Dessa forma, o presente trabalho não pretende fazer uma exegese desse conceito, mas investigá-lo à luz dos autores da Teoria Crítica da Sociedade, pensando as contribuições e a atualidade do conceito narcisismo para o desvelamento das relações entre sociedade e indivíduo e, também, entre este e as massas. No assujeitamento dos indivíduos às massas, fica evidente a regressão psíquica (enfraquecimento do eu) dos indivíduos, do encolhimento da consciência que leva a

¹ As traduções do espanhol deste texto, intitulado *Acerca de la relación entre sociología y psicología* (Adorno, 1986), foram realizadas pelos autores deste artigo. Desde 2015, conta-se com uma tradução para o português de Verlaïne Freitas publicada pela Editora UNESP. Ver Adorno (2015a, 2015b).



uma obediência cega ao existente, aderindo às ideologias que justificam condições desiguais de existência ⁽⁴⁾². Os fenômenos de massas também mantêm uma importante relação com o narcisismo, principalmente no que concerne à submissão do indivíduo à autoridade, por meio da idealização, fenômeno que esconde a fragilidade individual ampliando a personalidade do sujeito ^(3; 5).

Num contexto social ameaçador, como o que caracteriza o surgimento e a consolidação da sociedade industrial moderna, o indivíduo sofre violência desnecessária e anacrônica do ponto de vista do progresso material já alcançado pela sociedade, o que impõe obstáculos à constituição da subjetividade. Assim, o indivíduo se defende de tais ameaças recolhendo-se, retirando o investimento libidinal dos objetos e acentuando o seu narcisismo ⁽²⁾. Devido a essas condições, o narcisismo, categoria fundamental à constituição do eu individual, exacerbado em decorrência do fracasso da cultura – que não vem se estabelecendo como lugar de proteção e de gratificação –, configura-se como mais uma característica marcante da semiformação ou pseudoformação ⁽⁶⁾.

Nesses termos, este trabalho analisa de que maneira o narcisismo se estabelece como atributo e expressão de uma subjetividade danificada, que compõe e mantém o preconceito – fenômeno social e psíquico manifestado na particularidade como movimento bárbaro de defesa – à medida que traz o enfraquecimento do ego e auxilia na adesão do indivíduo a ideais totalitários, racistas e etnocêntricos. Para tanto, são desenvolvidos também os contornos da discussão sobre a relação do narcisismo com a ideologia da racionalidade tecnológica, a fim de refletir em que medida essa ideologia se relaciona com a personalidade narcisista ⁽⁷⁾. Por fim, inspirados no texto *Sobre sujeito e objeto* ⁽⁸⁾, procurar-se-á refletir sobre

² Em tempos de uso indiscriminado do termo ideologia, vale reforçar o que se entende neste artigo como ideologia – como contradição objetiva e referida há contextos históricos específicos –, destacando uma importante citação desses pensadores: “Todos os motivos conceptuais que provém da pré-história do conceito de ideologia pertencem a um mundo em que ainda não existia uma sociedade industrial desenvolvida e quase não se duvidava de que a liberdade seria obtida, efetivamente, com a realização da igualdade formal dos cidadãos. Em todas as teorias iluministas de então [no contexto de uma sociedade industrial ainda não totalmente desenvolvida], o estudo da ideologia tem um *status* e um lugar específicos, em relação com a ausência desse problema do processo vital da sociedade que hoje nem é sequer apresentado; e supõe-se ser suficiente pôr a consciência em ordem para que a sociedade fique ordenada. Mas não só essa crença é burguesa como, além disso, constitui a própria essência da ideologia. Esta, como consciência objetivamente necessária e, ao mesmo tempo, falsa, como interligação inseparável de verdade e inverdade, que se distingue, portanto, da verdade total tanto da pura mentira, pertence, se não unicamente à nossa sociedade, pelo menos a uma sociedade em que uma economia urbana de mercado já foi desenvolvida. Com efeito, a *Ideologia é justificação*. Ela pressupõe, portanto, quer a experiência de uma condição social que se tornou problemática e como tal reconhecida mas que deve ser defendida, quer, por outra parte, a idéia de justiça [que equipara a liberdade efetiva com à concessão de igualdade formal aos cidadãos] sem a qual essa necessidade apologética não subsistiria e que, por sua vez, se baseia no modelo de permuta de equivalentes. Em rigor, quando regem relações simples e imediatas de poder, não existem ideologias, num sentido estrito” (Horkheimer & Adorno, 1973b, pp. 190-191; grifos no original).



os obstáculos à alteridade produzidos pelo preconceito, por meio da análise do narcisismo em seus diferentes estratos: o narcisismo como expressão do ego empobrecido; o narcisismo como mecanismo de defesa; e o indivíduo com características narcisistas acentuadas.

Teoria Crítica da Sociedade e a noção de preconceito

Tomando como base os estudos realizados por Horkheimer e Adorno ^(1; 4) no *Instituto de Pesquisas Sociais*, Crochík ^(9; 10) e Franciscatti ^(11; 12) definem o preconceito como um agir imediato, cuja reflexão sobre o objeto de preconceito está inibida em sua base. Trata-se de uma ruptura com a realidade, uma reação frente a ameaças reais ou imaginárias, que ocorre pelo fato de o medo estar na base de todos os mecanismos psicológicos de defesa. Diante de ameaças e de perigos objetivados na organização social que se mantém aquém de sua base material, o medo e seus derivados são acionados e intensificados o que, por sua vez, mobiliza mecanismos psicológicos a fim de simplificar a realidade ou falseá-la. Para Franciscatti ^(11; 12), em função dos incessantes fracassos da cultura, os indivíduos estão sob constante ameaça. Nessas condições, ocorre o deslocamento do objeto de perigo para o objeto de preconceito, como uma reação exacerbada e violenta contra aqueles que lembram as aspirações de se viver na fragilidade, o que caracteriza os traços do humano diferenciado em uma cultura que propicie segurança e satisfação.

Para esses autores, o preconceito deve ser diferenciado dos conceitos de pré-conceito e estereótipo. Segundo Franciscatti ⁽¹¹⁾, o pré-conceito propicia ao indivíduo capacidade de reflexão frente ao objeto, garantindo o processo de conceituação, “entendido como elaboração mais profunda da realidade” (p. 95). Crochík ^{(10)³}, em estudo anterior e base para os estudos da autora citada anteriormente, acentua que não há possibilidade da formulação de conceitos sem a:

(...) experiência que envolve elementos preconcebidos. Ou seja, o processo de conceituação envolve pré-conceitos presentes na experimentação com o objeto a ser conceituado, pois não existe experiência pura. Assim, mesmo quando nos encontramos numa situação nova, temos de nos valer de experiências passadas que tornam o estranho familiar. Isto não significa que não possamos alterar estes pré-conceitos frente à nova experiência vivida, assim como não significa que o novo objeto não possa ser conceituado de forma distinta dos pré-conceitos, mas que essa possibilidade de modificação pode indicar maior ou menor predisposição ao preconceito (p. 31).

³ A primeira edição do livro *Preconceito, indivíduo e cultura* data de 1995.



Assim, a possibilidade de contato com os objetos pode ocorrer de maneira que o sujeito se modifique frente ao estranho, tornando-o familiar – esse processo pode ser nomeado de identificação. A identificação com o objeto, contudo, só é possível por meio da experiência, quando os elementos pré-concebidos não obstruem o contato do sujeito com o objeto, possibilitando, dessa forma, a formação do indivíduo na sua relação com o outro e com a cultura. Nesse sentido, se a reflexão e a experiência são a base para a constituição do indivíduo, para Crochík ⁽¹⁰⁾, as suas ausências caracterizariam o preconceito. Sem os pré-conceitos é impossível conhecer.

Todavia, o pré-conceito passa a coincidir-se com o preconceito quando “sua presença é forte o suficiente para anular a experiência com o objeto” (p. 33). Se a experiência e a reflexão possibilitam a identificação e, assim, o processo de individuação, em que o estranho se torna familiar, no preconceito, o familiar torna-se estranho – o sujeito passa a não se reconhecer no outro. Ainda de acordo com o autor, o preconceito, como resultado de conflitos individuais ocasionados pelo fracasso da cultura, caracteriza-se pela necessidade da existência de um objeto exterior para o indivíduo projetar os seus desejos, negando-os mais uma vez em si mesmo. Destarte, Crochík ⁽¹⁰⁾ (p. 17), citando Freud, afirma que “quanto maior é a debilidade de experimentar e de refletir, maior é a necessidade de nos defendermos daqueles que nos causam estranheza. E isso ocorre – e nunca é demasiado repetir – porque o estranho é demasiado familiar”. Para o autor, como Freud pôde mostrar, o medo frente ao desconhecido, ao diferente, “é menos produto daquilo que não conhecemos, do que daquilo que não queremos e não podemos re-conhecer em nós mesmos por meio dos outros” (p. 17).

Em relação aos estereótipos, estes não podem ser confundidos com o preconceito, apesar de ser um de seus componentes. De acordo com Crochík ⁽¹⁰⁾, os estereótipos são produtos culturais de uma sociedade hierarquizada, que se configuram em função da organização dos conteúdos e distinções culturais entre os papéis sociais, os sexos, as doenças, as raças, os credos, as idades, os povos, entre outros, e que contribuem para manter relações desiguais de poder. Segundo Horkheimer e Adorno ⁽¹⁾, o estereótipo é uma defesa infantil para não lidar com os conteúdos diversos que compõem o objeto e o distingue dos demais, simplificando a realidade. Para Crochík ⁽⁹⁾, como a expressão geral dos estereótipos é coletiva, “ou seja, se repete da mesma forma em diversos indivíduos”, é possível “deduzir que os indivíduos se apropriam de algumas representações culturais para que, junto à hostilidade dirigida ao objeto, configurem o preconceito” (p. 49).



Os valores sociais não são menos importantes na constituição dos preconceitos, posto que estão relacionados diretamente com a autoconservação. Para Crochík ⁽⁹⁾, os papéis sociais na história têm sido valorizados em função da sua importância para a manutenção da ordem social. Todavia, tal relação é apenas aparente “uma vez que na divisão do trabalho todos são importantes, e que a diferenciação através da valorização social só pode ser entendida pela existência de um poder desigual entre os homens frente à natureza e frente aos outros homens” (p. 50). Desse modo, os preconceitos contribuiriam para a manutenção dessa ordem social, pois tendem a fixar determinados elementos históricos como naturais e invariáveis.

Ainda de acordo com Crochík ⁽¹⁰⁾, o indivíduo preconceituoso também tende a desenvolver preconceitos em relação a diversos objetos, o que indica que mais atenção deve ser voltada para o indivíduo preconceituoso que para o seu alvo. As atitudes preconceituosas, do mesmo modo que miram características particulares dos objetos no que estes trazem em comum (os estereótipos), também se diferem entre si no que se refere aos afetos que cada indivíduo preconceituoso sente por cada grupo ou minoria. O afeto que é projetado e que compõe o preconceito contra o negro é diferente daquele projetado contra o homossexual ou contra a mulher, isto é, os sentimentos que estes objetos provocam no indivíduo preconceituoso diferem entre si. Assim, mesmo que o indivíduo preconceituoso tenda a desenvolver preconceitos sobre diversos objetos, e que os conteúdos afetivos que esses suscitam sejam diferentes entre si, para Crochík o que é comum a todos eles e que caracterizaria o indivíduo preconceituoso é a sua conduta rígida frente ao objeto – característica que obsta a possibilidade de experiência.

Como visto, o indivíduo predisposto ao preconceito também se vale dos estereótipos, lançando mão destes para melhor lidar com a realidade, simplificando-a. Em tais condições, por não possuírem um espaço interno (subjetividade) bem constituído, devido a conflitos e obstáculos à formação (individuação), os indivíduos têm dificuldade em fazer uso da razão em seu aspecto não instrumental. A reflexão que poderia servir de resistência contra o preconceito pode enfraquecer-se devido às configurações psicológicas frágeis requeridas para a manutenção do sistema social ⁽⁷⁾. O narcisismo é fundamental nessa discussão, pois caracteriza a expressão libidinal dessa fragilidade psíquica citada (fragilidade do eu) ⁽²⁾, além de participar de todos os mecanismos de defesa do aparelho psíquico ^(2; 13), sendo o preconceito um desses mecanismos.



A ideologia da racionalidade tecnológica e a regressão psicológica individual

A ideologia da racionalidade tecnológica, segundo Crochík ⁽¹⁴⁾, reorganiza a sociedade à lógica da razão em seu aspecto mais instrumental. Nessas condições, as contradições sociais são suspensas; o progresso se torna um fim e justifica a si próprio. A subjetividade como esfera psíquica se empobrece frente à totalidade social e o enfraquecimento do ego torna-se patente. Tal enfraquecimento do ego vem sendo indicado, por Horkheimer e Adorno ^(1; 5), por Adorno ⁽²⁾ e por Crochík ⁽⁹⁾, como uma provável hipótese para a adesão irracional dos indivíduos aos ideários totalitários.

Com base nas formulações de Horkheimer e Adorno ⁽¹⁾, Crochík ⁽¹⁵⁾ discorre sobre as diferentes ideologias da sociedade capitalista. Segundo ele, a ideologia liberal é mais antiga e corresponde ao estágio do capitalismo concorrencial; a ideologia totalitária, por sua vez, é a mais atual e se faz pela exigência da fase monopolista do capital; por fim, a ideologia tecnicista é, em parte, decorrente da ideologia liberal, ao mesmo tempo em que reforça a totalitária – posto que representa o exagero da razão em seu aspecto instrumental nas sociedades altamente industrializadas, em que a razão fica limitada a um apego excessivo às normas, às regras sociais e à progressão do capital. Como retrata o autor, a consciência reificada é o resultado de relações de desigualdades e da introjeção das formas de ideologia que as justificam, sendo que essas formas, as mais antigas e a atual, coexistem pelas contradições históricas existentes na sociedade contemporânea ^(7; 14; 15; 16).

Crochík ⁽¹⁵⁾ ainda argumenta que a reificação da consciência ocorre atualmente com traços diferentes diante dessas formas de mediação ideológica, uma vez que “a ideologia não se refere unicamente a conteúdos, mas também a forma de pensar” (p. 192); na ideologia liberal, por conter traços de racionalidade em seu conteúdo, “(...) a adesão à sua falsidade – inversão entre o real e a consciência – ocorre por reflexão insuficiente” (p. 192); na ideologia da racionalidade tecnológica, a adesão ocorre na preponderância da forma, esta “(...) impede a consciência verdadeira, ou ao menos a crítica à falsa consciência” (p. 192), pois, nessas condições, o pensamento formal, aprisionado pela técnica, “(...) tende, em boa parte, a tomar a consciência, posto que só considera verdadeiro o que pode ser percebido pelo sistema que o constitui; e, por fim, a ideologia fascista – a da mentira manifesta – busca a adesão por motivações diretamente psicológicas” (p. 192).



Disso decorre uma intensificação do modo de proceder da razão, que se restringe puramente a critérios de eficácia sobre o meio, em detrimento de uma razão que possibilite pensar a própria racionalidade dos meios e fins. Não se trata, portanto, de compreender as contradições da realidade e de modificar a sociedade, mas de aperfeiçoá-la por meio do conhecimento técnico. Nesse aspecto, escamoteiam-se as condições sociais que produzem os conflitos e os desajustes individuais, pois “segundo essa visão, ao que parece, se as instituições fossem aperfeiçoadas e os indivíduos bem formados por elas, os problemas individuais e sociais seriam corrigidos” ⁽¹⁶⁾ (p. 538). Desse modo, os problemas psicológicos, ou aqueles que permeiam o âmbito da educação, por exemplo, são reduzidos à má adaptação do indivíduo à realidade, obliterando a percepção daquilo que efetivamente gera o sofrimento. Nesse sentido, o indivíduo mais submete seus juízos à racionalidade técnica quanto mais se adapta à sua ideologia. Crochík ⁽¹⁷⁾ exemplifica essa questão da seguinte forma:

Assim, num processo de eleição, por exemplo, não é o conflito político de setores diversos da população que surge na escolha do governante, mas a escolha de administradores competentes, que podem tornar o mundo mais perfeito do que já é, ou seja, não se trata de modificar a sociedade, mas de aperfeiçoá-la, e, como a técnica traz, da Filosofia Positivista, a imagem da neutralidade, as contradições sociais são suspensas e a técnica adentra no cotidiano através de um processo de racionalização crescente (pp. 18-19).

Em vista disso, como analisam Horkheimer e Adorno ⁽⁵⁾ e Adorno ⁽²⁾, os indivíduos, de modo a contribuírem como membros produtivos desta sociedade, são levados, meio a mediações coercitivas, a se identificarem com o poder e com o progresso que domina cegamente a natureza para gerar mais progresso, fortalecendo a necessidade de dominação, tanto interna quanto externa. Para isso, o indivíduo deve reprimir grande parcela de sua fragilidade para se adaptar à dureza e à frieza necessária para manter-se aparentemente seguro, isto é, como membro produtivo para o sistema. Nesse processo, ele precisa competir com outros homens, lutando pela sobrevivência diária, já anacrônica.

A respeito dessa discussão, Crochík ⁽¹⁰⁾ afirma que a fragilidade é reprimida desde muito cedo e a demonstração de força, estimulada muito precocemente em nossa cultura:

(...) a demonstração de força que somos obrigados a praticar desde a infância, na busca de afirmação de nossa vontade, ou ao menos para não sermos importunados, faz aflorar a segunda natureza da competição. É certo que essa já está presente no Édipo, mas a cultura, em vez de nos auxiliar a vencer nossos desafios mais íntimos, coloca-os como verdadeiro objetivo da vida: a natureza frágil deve ser vencida. Em decorrência desse objetivo, a identificação com o mais fraco deve ser escamoteada e



a exibição da força, mesmo que feita com elegância como jogo regrado, é incentivada, embora continue a ser violência. Esquecer a nossa fragilidade é permitir que ataquemos a nós mesmos quando visamos ao outro como inimigo. Não se trata, portanto, só de uma indiferenciação do eu, mas da convivência com essa fragilidade, o que a nossa cultura dificulta. (pp. 88-89)

A adaptação a esses valores contribui fortemente para a regressão da razão ao seu aspecto mais instrumental e à reificação da consciência, pois esses elementos, estimulados na sociedade como caracteres necessários para a participação na vida social, ou seja, como uma forma de preparação para o mundo do trabalho, deixam de ser refletidos em sua racionalidade. Segundo Crochík ⁽¹⁹⁾ (p. 123): “Os que formam os indivíduos para a adaptação à sociedade existente, procuram fortalecer a dureza e a frieza, e não o que pressupõe a humanidade: a percepção e combate ao sofrimento”; nisto há um quanto de reificação não só da consciência – que não implica resistência, porém leva à adesão a algo manifestadamente falso –, mas também do humano.

Sendo assim, como produto e reafirmação do antagonismo da sociedade atual, a ideologia da racionalidade tecnológica contribui para a reificação e para o empobrecimento da consciência individual quando desconsidera os interesses humanos em detrimento do apressado irrestrito ao desenvolvimento técnico. Acirrando a segunda natureza da competição, ela também expropria a consciência, que se esquece de que o combate ao sofrimento não passa por desenvolver ainda mais a sociedade, mas de refletir sobre o modo como esse progresso foi se esquecendo da realização dos interesses humanos.

Contudo, o empobrecimento do ego pode também ser acompanhado pelas mudanças na estrutura da sociedade, da passagem da economia liberal para a altamente industrializada, principalmente em como tais mudanças afetam a estrutura da família. No artigo *Preconceito, indivíduo e sociedade*, Crochík ⁽⁹⁾ aponta para as mudanças econômicas, durante o século passado, no seio do núcleo familiar burguês, assim como a socialização cada vez mais direta pelas agências extrafamiliares. Para o autor, diferentemente das sociedades liberais, nas sociedades industriais a figura paterna “não tem mais possibilidade de se apresentar como um ideal, uma vez que sua impotência frente à realidade é palpável e, devido à própria instabilidade dos valores e regras sociais, torna-se cada vez mais difícil ele se constituir como modelo” ⁽⁹⁾ (p. 68). Dessa maneira, se as transformações econômicas e sociais alteraram a estrutura familiar e acirraram as ameaças sobre seus membros, elas ameaçam também a formação de uma consciência individual crítica, pois o abrandamento da autoridade paterna, pela diminuição do papel da estrutura familiar na socialização do indivíduo, combinado com a



manutenção da necessidade de autoridade, principalmente em seu aspecto totalitário, contribui para a formação de um ego empobrecido (ainda mais regredido que o tipo autoritário), que não se forma mais no confronto com a 'autoridade nuclear' – a qual é seu modelo de identificação individual – o que dificulta, por sua vez, a formação do superego.

Crochík ⁽⁷⁾ reitera que devido à dissolução do núcleo familiar, o ego se fragmenta: “são diversas introjeções mal feitas. Como o ego é fragilmente formado, não pode, de um lado, dar conta das exigências do id (...) e de outro lado, dificulta a formação do superego” (p. 151). O superego, de acordo com Freud ⁽³⁾, se forma pela introjeção das exigências e interdições parentais, e exerce três funções principais: a consciência moral, a auto-observação e a formação dos ideais ⁽²⁰⁾. Segundo Crochík ⁽⁷⁾ e Rouanet ⁽²¹⁾, o superego, mesmo de forma ambígua, garante ao indivíduo alguma autonomia individual, pois representa a consciência moral e possibilita a crítica à própria autoridade introjetada. Ainda de acordo com Rouanet ⁽²¹⁾, “o superego, embora represente através do pai introjetado, a normatividade social, representa também uma perspectiva de negação: ele censura o desejo, por ser contrário ao modelo, mas pode também, pela mesma razão, censurar o social” (p. 95). De tal modo, devido a um superego malformado, a consciência moral perde a possibilidade de atuar em oposição à racionalidade totalitária, tornando-se mais facilmente cúmplice da mesma.

Tal processo se manifesta quando o superego, cooptado devido à idealização/identificação do indivíduo com o líder ⁽²²⁾, faz com que os interesses mais racionais daquele se converta nos interesses do movimento das massas, marcadamente totalitários e contrários aos seus. O indivíduo, quando renuncia ao seu superego e o substitui pela figura do líder, abre mão de sua psicologia individual em favor da administração pelo todo irracional ⁽⁵⁾. Nesse sentido, a consciência moral perde a possibilidade de fazer resistência à irracionalidade dos ideais totalitários, pois, segundo Freud ⁽²²⁾, devido à idealização, tudo o que representa o ideal do líder e do grupo com que o indivíduo se identificou deixa de ser questionado, uma vez que representa aquilo mesmo que o sujeito anseia e que de certa forma lhe é difícil alcançar no mundo empírico.

Assim e conforme exposto, se a sociedade industrial encerra o empobrecido dos espaços de mediação individual, como a família, ela desenvolve formas de ideologia, em especial a totalitária e a tecnicista, que também contribuem para a formação de subjetividades achatadas, para a formação de configurações psicológicas cada vez mais empobrecidas. A dissolução da consciência moral e o enfraquecimento do ego, instância mediadora e dialética, são as suas expressões.



Narcisismo, psicodinâmica e preconceito

A ideologia da racionalidade tecnológica, conforme exposto, reduz os problemas da sociedade a problemas técnicos e de gerenciamento, ocultando da consciência aquilo mesmo que causa o sofrimento. Com isso, gera-se uma sobrecarga excessiva do sistema psíquico, em que grandes somas de energia são mobilizadas para manter o indivíduo alienado da sociedade, auxiliando na “criação de uma consciência expropriada de si mesma, ou seja, que se impede de perceber o que se percebe: a miséria existente” ⁽¹⁴⁾ (p. 18). De acordo com Adorno ⁽²⁾, a negação dessa miséria pelo psiquismo tem como função defender o indivíduo frente à intensificação do sentimento de desamparo, resultado de uma sociedade que estabelece uma relação desigual dos homens com as coisas humanas. Para se constituir, o ego estabelece uma formação de compromisso com a realidade altamente ameaçadora, o que se mostra anacrônico. O ego é ao mesmo tempo a sede da consciência, mas, também, em sua contraparte inconsciente, é ele que mobiliza as defesas do sistema psíquico. Para Adorno ⁽²⁾, o ego:

(...) deve ser a antítese da repressão, assim como também, ao ser ele mesmo inconsciente, a instância repressora. (...) Em interesse da autoconservação o ego tem, ao mesmo tempo, que deter continuamente o rendimento cognoscitivo que é realizado por ele mesmo em interesse da mesma autoconservação, negar-se à autoconsciência. (pp. 63-65)

Devido às ameaças constantes à conservação do eu individual, resultado de uma realidade ameaçadora, o ego sacrifica a si mesmo, permanecendo cada vez mais inconsciente. Para Adorno ⁽²⁾, “a figura da energia pulsional, que aponta o ego – segundo o tipo analítico freudiano – quando procede ao mais alto sacrifício, o da consciência, é o narcisismo” (p. 64). Quanto maiores são os sofrimentos, mais o indivíduo deve defender-se, retraindo-se para si mesmo, retirando a libido que deveria ser direcionada aos objetos e proporcionando satisfação; ou seja, direcionando essa libido para os processos de defesa. Destarte, represando essa libido no eu, fortalece-se o narcisismo e sacrifica-se a consciência.

O narcisismo, segundo Freud ⁽³⁾, é um complemento libidinal da pulsão de autoconservação e, por ser um recurso com o qual se norteia o princípio da realidade, é necessário à própria constituição do indivíduo na sociedade. Contudo, como afirma Crochík ⁽¹⁹⁾, “o indivíduo, por sua vez, deve tanto mais dirigir a libido ao seu ego quanto mais a ameaça



de sobrevivência o obriga a isso” (p. 184). Assim, em decorrência de uma sociedade não livre, hierarquizada e competitiva, o narcisismo se intensifica, o que, por sua vez, pode dificultar ao indivíduo experienciar o seu próprio sofrimento. Adorno ⁽²⁾ aponta para o sentimento de impotência vivenciado pelo ego e o relaciona ao narcisismo; para ele, os indivíduos

(...) não conseguem experimentar sua própria impotência, olhá-la nos olhos. Tal repressão da impotência não só aponta a desproporção entre o indivíduo e sua força no todo, senão ainda mais ao narcisismo ferido e ao temor de compreender que a falsa prepotência, a qual têm todo motivo de curvar-se, se compõe no fundo deles mesmos (p. 65).

Nessa argumentação, Adorno ⁽²⁾, com base no pensamento de Freud, também indica que o sentimento de impotência, que tenta ser escamoteado pelas defesas narcísicas do indivíduo, pode facilmente ser apropriado pela psicologia de massas do fascismo. Segundo Freud ⁽²²⁾, “um homem quando não pode estar satisfeito com o seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal de ego que se diferenciou do ego” (p. 139). Assim, o indivíduo, incapaz de olhar para as marcas de frustração de seu eu empírico, frágil diante do poder opressor da sociedade, recorre à figura do líder como uma imagem idealizada do seu próprio ego, identificando-se com as formas de poder que ele representa. Conforme Rouanet ⁽²³⁾,

A idealização, como se sabe é o processo pelo qual o indivíduo atribui a um objeto qualidades de perfeição que o próprio sujeito não é capaz de alcançar (...) a idealização é uma forma de narcisismo: o objeto idealizado é parte do próprio sujeito, e amá-lo significa amar-se a si mesmo. A relação entre a massa e o *Fuehrer* segue esse padrão. O líder é a projeção narcisista dos atributos que o indivíduo massificado ambiciona ter, e que lhe são negados pela realidade. (p. 131; grifos nos original)

Assim, a impotência e fragilidade do eu individual gera ansiedade, suscitando processos de defesa ⁽³⁾. De acordo com Crochík ⁽¹⁹⁾, a dicotomia força/fragilidade está presente em toda raiz do preconceito. Conforme Adorno ⁽²⁾, o indivíduo com um narcisismo exacerbado tende a elidir da consciência aquilo que lembra a fragilidade que necessita negar em si mesmo e, por isso, a fragilidade identificada no outro também deve ser negada. Tal cisão do indivíduo com a realidade e com os seus conteúdos internos é uma característica da falsa projeção. Como indicado por Horkheimer e Adorno ⁽⁵⁾, a falsa projeção é uma forma de perceber e compreender a realidade em que a mediação entre os conteúdos internos e externos do sujeito é distorcida.



Horkheimer e Adorno ⁽⁵⁾ entendem que a projeção é um mecanismo básico de significação do mundo, pois “em certo sentido, perceber é projetar” (p. 154). Assim, “o sujeito recria o mundo fora dele a partir dos vestígios que o mundo deixa em seus sentidos” (p. 155). Como não há experiência pura na consciência, o sujeito percebe o mundo com base em categorias que, se neste momento são anteriores à experiência com o objeto em questão, em outro momento foram constituídas na experiência com o mundo, e que o sujeito se vale agora para orientar-se nele. Portanto, tais categorias não são um *a priori* da consciência; elas são objetivas e sociais, pois só se constituem na mediação com os objetos. Sendo assim, o problema é a falta de reflexão sobre o objeto que caracteriza a falsa projeção, que se difere da projeção consciente: remeter ao que foi projetado sobre o mundo a reflexão sobre o objeto da percepção e sobre o próprio conteúdo da projeção, corrigindo suas possíveis distorções, isto é, aquilo que o objeto não é. Nessa mesma argumentação, os autores acrescentam que a falsa projeção diz respeito à projeção dos impulsos e de certos traços que foram condenados pelo sujeito meio a mediações coercitivas, mas que não admite como seus. Assim, “sobre a pressão do superego, o ego projeta no mundo exterior, como intenções más, os impulsos agressivos que provêm do id e que, por causa de sua força, constituem uma ameaça para ele próprio” (p. 158).

No ensaio *Elementos do anti-semitismo*, Horkheimer e Adorno ⁽⁵⁾ já tinham indicado o mecanismo da falsa projeção como característico do comportamento paranoico antissemita. Em suas formulações, os autores explicitam que os traços que são atribuídos como característicos dos judeus são também os traços secretamente desejados pelos dominados pela ideologia totalitária alemã:

Pouco importa como são os judeus realmente; sua imagem, na medida em que é a imagem do que já foi superado, exibe os traços aos quais a dominação totalitária, só pode ser hostil: os traços da felicidade sem poder, da remuneração sem trabalho, da pátria sem fronteira, da religião sem mito. Esses traços são condenados pela dominação porque são a aspiração secreta dos dominados. A dominação só pode perdurar na medida em que os próprios dominados transformarem suas aspirações em algo de odioso. Eles fazem isso graças à projeção patológica, pois também o ódio leva à união com o objeto – na destruição (p. 164).

Com base nesta reflexão, no antissemita tem-se a negação do desejo por elementos de liberdade e felicidade, que secretamente aspiram, mas que não podem ser confessados ou fruídos, pois vão de encontro com os elementos de dureza e de frieza com o qual os indivíduos tiveram de se identificar para se manterem como membros produtivos da sociedade



(9-12). Esses elementos negados (as cifras de felicidade/liberdade) são agora identificados no objeto e, este, convertido imediatamente em alvo de perseguição, pois eles lembram aquilo que se deseja, e que foi necessário reprimir. Conforme Horkheimer e Adorno ⁽⁵⁾,

Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial. (...) No fascismo, esse comportamento é adotado pela política, o objeto da doença é determinado realisticamente; o sistema alucinatório torna-se a norma racional no mundo, e o desvio a neurose. (...) O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio (p. 154).

Nesse sentido, os impulsos destrutivos projetados e atribuídos ao objeto vítima do preconceito estariam relacionados ao desejo do indivíduo por tudo aquilo que lhe foi negado pelo progresso do capitalismo avançado. Desejo este que, segundo a análise aqui pretendida, também é avesso à ideologia da racionalidade técnica. Ou seja, trata-se de características que os indivíduos possuem, "(...) que lembram ao preconceituoso o que ele teve de renunciar para se tornar um membro útil e produtivo à sociedade – suscitam nesse indivíduo uma atividade que tenta diferir o máximo possível esses indivíduos de si mesmo e desvalorizá-los: o preconceito" ⁽²³⁾ (p. 153). Como por exemplo: a sensibilidade, negada ao indivíduo, em detrimento da força e da frieza, socialmente estimulados; a fragilidade em detrimento da virilidade; a possibilidade de felicidade e de ganho material sem sacrifício em detrimento do apreço hipostasiado pela técnica e pelo trabalho exaustivo – ou ainda, seria o sentimento de impotência numa sociedade que tenta a todo o momento mitigar/negar o sofrimento?

Adorno ⁽⁸⁾ alerta que "um esquema confirmado na história de todas as perseguições é que a ira se dirige contra os fracos, sobretudo contra aqueles que são julgados socialmente débeis e, ao mesmo tempo – com ou sem razão – felizes" (p. 107). Como desdobramento desse argumento, Crochík ⁽⁹⁾ ressalta que "os preconceituosos vêem no objeto aquilo que eles têm de negar em si mesmos: a fragilidade, o desamparo. Não é à toa que os objetos do preconceituoso sejam, em geral, considerados frágeis socialmente: os judeus, as mulheres, os deficientes" (p. 61). Como resultado dos antagonismos sociais, o narcisismo se relaciona muito diretamente com os impulsos agressivos dos indivíduos, uma vez que ele se estabelece como mecanismos de defesa que escamoteia o sentimento de fragilidade, negando-a em si e perseguindo-a nos outros. Os objetos considerados mais frágeis socialmente tornam-se então objetos de exclusão e de violência, e a pulsão em vez de se ligar ao amor, à possibilidade de acolhimento da fragilidade (a própria e a alheia), se liga na destruição do objeto. Se isso for correto, os mecanismos de defesa narcísicos e de falsa projeção se complementam, pois



ambos operam por meio da cisão do sujeito com a realidade, cuja possibilidade de resistência está no esclarecimento destes mecanismos e a reflexão sobre essa condição.

Além disso, o empobrecimento crescente das funções cognitivas e críticas do ego, que tem no narcisismo sua expressão libidinal, intensificam os mecanismos psicológicos de defesa. Sendo assim, os indivíduos que apresentam essa fragilidade citada – traços individuais condenados pela dominação e pelo progresso – não podem, senão, ser perseguidos. Por conseguinte, a perda da capacidade de reflexão nas sociedades industriais reduziu a economia psíquica racionalmente administrada a uma regressão ainda maior, à paranoia – entendida como projeção patológica da própria infelicidade ⁽⁵⁾.

Considerações finais: narcisismo e sequestro da subjetividade

O narcisismo, na medida em que contribui para a adesão à ideologia da racionalidade técnica, assim como é cada vez mais suscitado e intensificado por esta, compromete a formação do indivíduo. Uma das marcas deste indivíduo pseudoformado é a diminuição de sua capacidade de reflexão. Um ego empobrecido é um ego que não consegue mais tirar conclusões espirituais e possui fraca possibilidade de formular juízos sobre a realidade. De acordo com Rouanet ⁽²³⁾,

O exterior é parcialmente modelado pelo interior, mas esse interior não é vazio (seus conteúdos vêm do mundo exterior) nem passivo (tais conteúdos são trabalhados reflexivamente pelo sujeito), de modo que o que é posto no real não é uma subjetividade arbitrária: o sujeito se inscreve no objeto, não para aboli-lo, mas para interpretá-lo, e essa interpretação é em si modelada por um trabalho de reflexão cujo material é fornecido pelo próprio objeto (p. 143).

Quando este processo se empobrece, a percepção cede mais facilmente terreno ao delírio da paranoia. Por perder a dialética da relação entre sujeito-objeto, na qual deve prevalecer a primazia do objeto ⁽⁸⁾, o indivíduo delira, projetando no exterior suas próprias mutilações – falsa projeção. De acordo com Rouanet ⁽²¹⁾, a realidade, quando “interpretada segundo categorias alheias à sua verdade profunda, torna-se ‘paranoica’: as estruturas da interioridade e da exterioridade se interpenetram, a subjetividade se coisifica e a realidade se desrealiza” (p. 149). O ego empobrecido “não tem mais forças para realizar o trabalho de reflexão exigido pela projeção normal, assim como o superego, virtualmente abolido, deixa de funcionar como anteparo entre o individual e o social, perdendo a capacidade de supervisionar as identificações do sujeito” (p. 149). Assim, o indivíduo apartado da sociedade e cujo



psiquismo fora expropriado, marca, conforme o autor, o confisco da psicologia individual; o indivíduo passa diretamente à jurisdição do todo.

Conforme exposto, o narcisismo (como regressão psíquica do ego) se constitui como um importante fenômeno para se investigar o possível ajustamento requerido pela atual organização social que, nesse sentido, modifica e/ou intensifica a dinâmica psíquica do indivíduo preconceituoso. A economia psíquica racionalmente administrada impede o indivíduo de mediar a percepção dos conteúdos que possam lhe causar estranheza e de fazer controle de projeção. Esta projeção, quando irrefletida, torna-se patológica, obstando o contato com quem expressa a fragilidade que o indivíduo tanto necessita negar devido ao seu narcisismo exacerbado. Ademais, não se deve também perder de vista as características do indivíduo narcisista. Como afirma Crochík ⁽⁷⁾, esse é marcado por uma cisão entre os afetos, pela frieza e pela manipulação:

A personalidade narcisista tem parentesco com a personalidade autoritária: ambas evitam contactos com outros egos, e, desta forma, contacto consigo mesmas. No caso extremo da personalidade autoritária, denominado "manipulador", e no narcisismo, há o isolamento de afetos que, se conscientizados, trariam ansiedades reprimidas à tona. (pp. 142-143; grifos no original)

A hipótese defendida por Crochík ^(7, 16, 24, 25, 26) é que no atual estágio das forças econômicas da sociedade, cuja expressão ideológica da racionalidade tecnológica é marcante, existem condições que fomentam ainda mais as características do subtipo mais regredido que compõe o espectro da personalidade autoritária e que, por vezes, poderia caracterizar outra síndrome específica: com a possível acentuação do subtipo manipulador, que, segundo Adorno ⁽²⁷⁾, tenderia a ser cada vez mais comum conforme o avanço das sociedades industriais.

Para explorar mais os contornos dessa problemática, vale retomar algumas das considerações presentes na pesquisa sobre a personalidade autoritária realizada por Adorno e colaboradores nos Estados Unidos da América ao final da década de quarenta. No capítulo *Tipos y síndromes*, Adorno ⁽²⁷⁾ delimita, por dentro de uma concepção dinâmica e social, o tipo autoritário como aquele de pontuação alta na escala F – escala elaborada com o objetivo medir o potencial fascista do indivíduo. Nesta pesquisa foram encontrados alguns subtipos da personalidade autoritária, dentre eles o mais severo, mas não o mais frequente na amostra da pesquisa, denominado como tipo manipulador.



De acordo com Adorno ⁽²⁷⁾, o tipo manipulador apresenta fortes características narcísicas de personalidade. Assim, por apresentar um retraimento narcísico sobre si mesmo, ele rechaça qualquer impulso afetivo. Para se defender da psicose, o tipo manipulador reduz a realidade exterior a objetos de ação prática. Este indivíduo caracteriza-se por um hiper-realismo compulsivo em que a identificação com a totalidade social e o *status quo* é marcante. Nesse sentido, é o indivíduo que apresenta a estereotipia mais extrema.

Ao se relacionar com a realidade por meio de uma forte introversão narcísica – que permite pouca catexia objetal –, o mundo e as pessoas são reduzidos a objetos a serem manejados com fins marcadamente utilitários, algo bastante compatível, segundo as análises de Crochík ^(7, 16, 24, 25, 26), com o caráter instrumental da ideologia da racionalidade tecnológica. Por sua incapacidade de amar, a sua libido é voltada exclusivamente para a operacionalização e para os aspectos técnicos da vida; os objetos deixam de ser encarados em sua racionalidade objetiva e subjetiva, tornando-se objetos indiferenciados.

Desse modo, os possíveis objetos de amor e fruição não são experimentados com base numa libido de caráter erótico, mas reduzidos e nivelados tal como instrumentos técnicos, passíveis de serem manipulados, trata-se agora de objetos para fins administrativos e impessoais, e não objetos de satisfação (capazes de fazer justiça à pulsão). Pode-se dizer que, pela obliteração da capacidade de se identificar com o outro (de amar e de ser amado), os rastros libidinais encontrados na relação entre o manipulador e os objetos da cultura administrada são sinais do congelamento dos vínculos afetivos, do arrefecimento dos sentidos e da razão, do fetichismo e da reificação do que é vivo.

O indivíduo com um ego fragilmente formado, que não consegue dar substrato ao poder coercitivo externo na forma de superego, tem sua mediação com a totalidade social de modo mais direto – que por sua vez é a mais mediada de todas e submetida a um princípio econômico cego – e, dessa forma, este indivíduo reage quase como um autômato diante desta mediação coercitiva e empobrecida. Se na sociedade perfilam elementos fascistas/autoritários, com padrões de comportamento e pensamentos estereotipados, bem como a preponderância de uma racionalidade instrumental e utilitária em que os fins se sobrepõem aos meios, estes elementos irracionais presentes na cultura passam a ser reproduzidos pelos indivíduos de maneira cada vez mais automática.

Devido à fragilidade do ego e concomitante à degenerescência da formação do superego, marcas de não liberdade decorrentes desta dinâmica social, o indivíduo tem diminuídas suas possibilidades de mediar, pela reflexão, esses conteúdos, e, assim, tende a



repor a violência e os preconceitos, reafirmando atitudes e valores estereotipados, racistas e etnocêntricos.

Na personalidade denominada autoritária, há uma relação ambivalente com as figuras de autoridade, quando o indivíduo se submete aos valores do endogrupo, reprime os seus impulsos inconscientes dirigidos a estas figuras e, pela via do masoquismo, é levado à obediência e respeito cegos à autoridade com o qual se identificou ⁽²³⁾.

Nesse sentido, mantém os impulsos ambivalentes contra a autoridade velados da consciência que, atuando conjuntamente à sua dificuldade de entrar em contato com os seus próprios desejos e valores introjetados, desloca a agressividade represada contra os exogrupos. Ou seja, nesse caso, é pela via do sadismo e graças a uma política e uma propaganda de cunho fascista que os indivíduos, em função de sua atitude paranoide, atacam aqueles que ameaçam os valores convencionais do endogrupo ou que possuem certas características que o indivíduo ambiciona ter para si, mas que não pode assumir, o que intensifica a angústia e a própria agressividade.

Assim, conforme as análises de Crochík ⁽⁷⁾, a personalidade autoritária baseia-se numa ambivalência de afetos: "(...) a submissão orientada para as autoridades constituídas e a rebeldia contra os exogrupos" (p. 152). Ou seja, nesse tipo de configuração de personalidade há a existência de uma consciência moral precária e um superego ambivalente. Já "a personalidade narcisista, sucedânea da autoritária, não se baseia mais no conflito de afetos e sim na desconexão entre eles e deles com o conteúdo da experiência" (p. 152). Ao chamar a atenção para os indícios levantados por Adorno ^(2; 28), Crochík ⁽⁷⁾ ressalta que:

(...) a passagem da estrutura autoritária da personalidade para a narcisista, como forma de ajustamento social requerido. A personalidade autoritária traz consigo a submissão cega à autoridade e uma violência, também cega, contra aqueles que de alguma forma neguem aquela. Já a personalidade narcisista, com um ego enfraquecido, se guia por estímulos externos, quase sem ter consciência da distinção entre mundo interno e mundo externo. (p. 142)

Desse modo, o narcisismo contribui para a desconexão dos conteúdos da experiência em três vias. Na primeira via, como regressão psíquica, expressão do ego empobrecido, contribui para a perda da mediação com a realidade – como no delírio paranoico –; por estar enfraquecido, o ego não consegue mais fazer controle de projeção. Na segunda, como mecanismo de defesa, que impede o contato com a fragilidade do eu empírico e, por isso, com o reconhecimento da fragilidade no outro. Nessa via, gera-se, então, uma falsa prepotência que visa escamotear o desamparo gerado pela sociedade; impedido de expressar



sua própria fragilidade, resta como imposição social a resposta de hostilizar quem a expressa. E na terceira via, como atributo que compõe um tipo de personalidade específico: a personalidade narcisista.

Como esclarece Crochík ⁽⁷⁾, o indivíduo com características narcísicas acentuadas apresenta um afeto embotado, uma redução da energia libidinal erótica, o que resulta no rechaço de outras subjetividades. Uma maneira de o indivíduo narcisista expressar o seu preconceito é por meio da frieza. Segundo Crochík ⁽¹³⁾, a frieza é uma forma de exclusão mais regredida que a hostilidade. No ódio temos “identificações negadas” (p. 38); o sujeito ainda se vê no outro, mesmo que de modo distorcido, pois nega o que vê, podendo, ainda que de modo precário, elaborar sobre o porquê do que se nega.

Na hostilidade, ainda há um objeto específico com que a pulsão agressiva se liga; certos conteúdos que o objeto representa tentam explicar a razão para aquela hostilidade – há alguma tentativa de justificativa, sempre irracional, pois não há violência justificável. Já na frieza, temos a “negação das identificações” (p. 38), uma vez que a pulsão não se liga mais ao objeto.

Para Adorno ⁽²⁷⁾, o tipo manipulador ou o indivíduo com características narcísicas acentuadas representam o mais alto grau de fetichismo e de reificação do ser humano, e apresentam o mais alto grau da frieza. Nesses indivíduos, o que é vivo é transformado em algo inanimado; as relações humanas tornam-se relações com coisas mortas. A violência se torna algo difuso, sem objeto específico; não se ama nada e, como tudo o que é vivo torna-se algo morto, tudo pode ser manipulado ou destruído sem consideração alguma, dependendo dos meus interesses ou dos interesses que o indivíduo representa.

Quando não há consideração para com o que é vivo, a decisão sobre a vida e a morte passa a ter o peso de uma decisão técnica e as maiores atrocidades podem ser encaradas como trivialidade. Contudo, é importante ressaltar que, nessa sociedade, o narcisismo intensificado, do mesmo modo que o preconceito, como marcas de sofrimento, possuem um espectro variado e estão presentes em todos os indivíduos, sendo o resultado de conflitos gerados no processo de socialização, dos danos causados à formação do indivíduo e de sua dimensão psicológica. Logo, o tipo manipulador exemplifica apenas o mais alto grau de repressão.

A partir dessa discussão, o narcisismo não só contribui para afastar da consciência a fragilidade e o sofrimento produzidos por uma organização social injusta e anacrônica, como é o seu produto. Ele representa também, pelo enfraquecimento do ego do indivíduo, a porta



de entrada, desde o século passado, para uma maior heteronomia, posto que, conforme ressalta Crochík ⁽¹⁹⁾, “(...) o narcisismo coletivo se apropria do narcisismo individual” (p. 188), como “(...) uma forma de adaptação à realidade intensificada no século XX” (p. 188).

Dessa maneira, o indivíduo se guia mais facilmente por ideários irracionais e cede mais facilmente aos apelos da ideologia e das massas; e, por ambos reeditarem apelos excessivamente irracionais (e antigos) de uma necessidade histórica de dominação ainda não superada pelos homens, a violência e a dominação são repostas, sem grandes obstáculos e de maneira intensa, na forma de preconceitos. Quando essa necessidade de dominação não é superada, a regressão da consciência individual aos seus derivados coletivistas, fortalece a adesão a tal racionalidade.

Como visto, o narcisismo participa de ambos os processos, como expressão do ego danificado ele facilita a adaptação a valores sociais totalitários. No seu aspecto libidinal, e como mecanismo de defesa, o narcisismo impõe obstáculos à relação entre sujeito e objeto – na apreensão/reflexão da realidade pelo indivíduo. Nesses termos, o narcisismo contribui para obstar o contato com o outro e consigo mesmo, comprometendo a reflexão sobre a participação subjetiva do indivíduo na dominação e na violência, isto é, acaba por impedir também a percepção esclarecida de que os conteúdos e os elementos que os indivíduos preconceituosos perseguem nos outros, fazem parte e são constituintes de sua própria subjetividade que, mutilada, aponta para as condições objetivas que mutilam e para as marcas de mutilação que perpassam a subjetividade de todos.

Referências

- 1 Horkheimer M, Adorno TW. Preconceito. In: Horkheimer M, Adorno TW (Orgs). *Temas básicos da Sociologia* (A. Cabral, trad., pp. 172-183). São Paulo, SP: Cultrix/USP; 1973a.
- 2 Adorno TW. Acerca de la relación entre Sociología y Psicología. In: Jensen H (Org.), *Teoría crítica del sujeto: ensayos sobre psicoanálisis y materialismo histórico* (H. Jensen, trad., pp. 36-76). Buenos Aires: Siglo Veintiuno; 1986a.
- 3 Freud S. À guisa de introdução ao narcisismo. In: Freud S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, trad., Vol 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago; 2004.
- 4 Horkheimer M, Adorno TW. Ideologia. In: Horkheimer M, Adorno TW (Orgs). *Temas básicos da Sociologia* (A. Cabral, trad., pp. 184-205). São Paulo, SP: Cultrix/USP; 1973b.



- 5 Horkheimer M, Adorno TW. Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento. In M. Horkheimer M, Adorno TW. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (G. A. de Almeida, trad., ed. reimp. 2006, pp. 139-171). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar; 1985.
- 6 Adorno TW. Teoria da semicultura (N. Ramos-de-Oliveira, B. Pucci, C. B. M. de Abreu, trads.). *Educação & Sociedade*, 1996; 17(56):388-411.
- 7 Crochík JL. A personalidade narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica. *Psicologia USP*, 1990; 1(2):141-154.
- 8 Adorno TW. Educação após Auschwitz. In: T Adorno TW. *Palavras e sinais: modelos críticos 2* (M. H. Ruschel, trad., pp. 104-123) Petrópolis, RJ: Vozes; 1995a.
- 9 Crochík JL. Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas Psicologia*, 1998; 4(3):47-70.
- 10 Crochík JL. Preconceito, indivíduo e cultura. 3a ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo; 2006.
- 11 Franciscatti KVS. Violência, preconceito e propriedade; um estudo sobre a violência a partir da Teoria Crítica da Sociedade (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP; 1998.
- 12 Franciscatti KVS. Violência, preconceito e propriedade. In: Faria NJ, Brandão SC (Orgs). *Psicologia social: indivíduo e cultura* (pp. 109-138). Campinas, SP: Editora Alínea; 2004.
- 13 Crochík JL. Preconceito e Inclusão. *WebMosaica*, 2011a; 3(1):33-42.
- 14 Crochík JL. O desencanto sedutor: a ideologia da racionalidade tecnológica. *Inter-Ação: Revista Faculdade de Educação da UFG*, 2004; 28(1):15-35.
- 15 Crochík JL. Razão, consciência e ideologia: algumas notas. *Estilos da Clínica*, 2007; 12(22):176-195.
- 16 Crochík JL. Tecnologia e individualismo: um estudo de uma das relações contemporâneas entre ideologia e personalidade. *Análise Psicológica*, 2000; 4(18):529-543.
- 17 Crochík JL. O desencanto sedutor: a ideologia da racionalidade tecnológica. *Revista Inter Ação*, 2003; 28(1):15-35.
- 18 Adorno TW. Sobre a relação entre Sociologia e Psicologia. In: Adorno TW, *Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise* (V. Freitas, trad., pp. 71-127). São Paulo: Unesp; 2015a.
- 19 Crochík JL. Apontamentos da sobre o narcisismo da perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade. In: Crochík JL. *Teoria Crítica da Sociedade e Psicologia: alguns ensaios* (pp. 177-223). Araraquara: Junqueira & Marin; 2011b.



20 Laplanche J, Pontalis JB. Vocabulário da psicanálise (P. Tamen, trad., 4a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes; 2001.

21 Rouanet PS. Do trauma à atrofia da experiência. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 2003; 36(66/67):65-100.

22 Freud S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: Strachey J (Ed.). Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (E. A. M. de Souza, trad., Vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago; 1980.

23 Crochík JL, et al. Um estudo do preconceito e de atitudes em relação à educação inclusiva. *Intermeio UFMS*, 2008;14(28):148-164.

23 Rouanet PS. Teoria Crítica e Psicanálise. 4a ed. Rio de Janeiro, RJ: Templo Brasileiro; 1998.

24 Crochík JL. Teoria Crítica da Sociedade e estudos sobre o preconceito. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, 2001;1(1):67-99.

25 Crochík JL. Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. *Estudos de Psicologia*, 2005;22(3):309-319.

26 Crochík JL. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. *Psicologia USP*, 2010;21(1):31-47.

27 Adorno TW. Tipos y síndromes. In: Adorno TW, Frenkel-Brunswik E, Levinson DJ, Sanford LN. *La personalidad autoritaria* (D. Cimbley & A. Cymler, trad., pp. 695-729). Buenos Aires: Editorial Proyección; 1965.

28 Adorno TW. Postscriptum. In: Jensen H (Org.). *Teoría Crítica del sujeto: ensayos sobre psicoanálisis y materialismo histórico* (H. Jensen, trad., pp. 77-83). Buenos Aires: Siglo Veintiuno; 1986b.



10.31072/rcf.v14i1.1271

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.



BY

Open Access